

Memórias de escolarização e saberes de uma pessoa parda

Schooling memories and knowledge of a brown woman

Daiane Ribas Ramos^{*}
José Edimar de Souza^{**}

Resumo: Este trabalho aborda a trajetória de vida e escolarização de uma mulher parda de 61 anos, buscando compreender como raça, classe e gênero moldaram suas experiências educacionais e profissionais. O objetivo central é reconstituir fragmentos de sua trajetória, analisando os sentidos atribuídos por ela às vivências da infância, da escola e do trabalho de cuidado infantil. A pesquisa foi desenvolvida com base na metodologia da história oral, por meio de uma entrevista semiestruturada, cuja análise temática permitiu identificar recorrências, tensões e significados atribuídos pela participante às suas experiências. Os resultados apontam para elementos que contribuíram para a evasão escolar, como pobreza, responsabilidades familiares precoces e ausência de políticas de permanência, além de evidenciarem os saberes construídos no trabalho cotidiano com crianças, frequentemente desvalorizado por questões de raça e gênero.

Palavras-chave: Escolarização. Memória. Identidade Racial.

Abstract: This study examines the life and schooling trajectory of a 61-year-old *parda* woman, seeking to understand how race, class, and gender have shaped her educational and professional experiences. The central objective is to reconstruct fragments of her trajectory, analyzing the meanings she assigns to her childhood, school experiences, and work in child care. The research was conducted using oral history methodology, through a semi-structured interview, whose thematic analysis made it possible to identify recurrences, tensions, and meanings attributed by the participant to her experiences. The results highlight elements that contributed to school dropout, such as poverty, early family responsibilities, and the absence of retention policies, in addition to revealing the knowledge developed in her daily work with children—frequently undervalued due to race and gender.

Keywords: Schooling. Memory. Racial Identity.

^{*} Graduação em Educação Física. Mestranda em Educação. Bolsista PROSUC/ CAPES na Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação. Rua Ângelo Zulian Sobrinho, 1441, São Caetano, Caxias do Sul – RS. E-mail: dramos@ucs.br.

^{**} Graduação em História, em Pedagogia, em Geografia, em Biblioteconomia. Mestre, doutor em Educação com estágio de pós-doutorado em Educação. Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-graduação em Educação e em História. Professor e pesquisador da Área de Humanidades da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Rua Roberto Weber, n. 185 Bairro 25 de Julho Campo Bom - RS. E-mail: jesouza1@ucs.br

1 Considerações iniciais

As investigações que se dedicam à análise das trajetórias e das histórias de vida ou profissional consideram, como argumenta Bourdieu (1996), que ao se reconstruir uma trajetória de vida observa-se as limitações impostas pela “ilusão biográfica” da recomposição, pela pesquisa, de toda uma vida. Portanto, o que se constrói representa uma possibilidade de leitura para se compreender e interpretar o passado. Nesse sentido, nosso objetivo com este estudo é reconstituir fragmentos da trajetória de uma mulher parda¹, a partir de uma entrevista, para compreender como raça, classe e gênero atravessaram sua formação escolar, sua relação com o trabalho e os saberes construídos ao longo da vida.

Nossas escolhas teórica e metodológica estão assentadas na História Cultural, entendida como um campo de investigação que busca compreender as representações, práticas e significados que os sujeitos atribuem às suas experiências. Como afirma Chartier (2002, p. 16-17), a História Cultural tem como principal objetivo identificar como, “em diferentes tempos e lugares, determinadas realidades sociais são construídas, pensadas e apresentadas”. Essa abordagem permite ir além da descrição de fatos históricos, alcançando os modos pelos quais os sujeitos produzem sentidos. No caso da trajetória de uma mulher parda, tal abordagem possibilita compreender os significados que ela atribui à própria experiência, bem como a forma como constrói sua narrativa.

A análise da trajetória de Nídia, a entrevistada deste estudo, também exige considerar os efeitos da hegemonia da branquitude e do eurocentrismo nas práticas sociais e escolares. A branquitude é entendida por Schucman (2012, p.7) como:

uma construção sócio-histórica produzida pela ideia falaciosa de superioridade racial branca, e que resulta, nas sociedades estruturadas pelo racismo, em uma posição em que os sujeitos identificados como brancos adquirem privilégios simbólicos e materiais em relação aos não brancos.

Bento (2002) afirma que a branquitude opera como um referencial para os padrões de beleza, comportamento e inteligência, sendo alvo de desejo e inveja para os grupos raciais não brancos. hooks (2019) aponta que a supremacia branca atua em nossa psique moldando nossas falas, como andamos, sonhamos e olhamos uns para os outros. No âmbito educacional, essa hegemonia se manifesta na valorização de saberes e referências eurocêntricas, as quais silenciam saberes produzidos pelas populações negras e pardas.

Portanto, nos debruçamos, em nossa investigação, sobre a análise de aspectos da história de vida e de escolarização de uma mulher, parda, de 61 anos, cujo ofício é babá², e ainda mãe de três filhos, a qual permitiu identificar aspectos da escolarização brasileira na década de 1970, especialmente no que diz respeito às desigualdades estruturais que atingem pessoas pretas e pardas. Como demonstra Hasenbalg (1979), o sistema educacional brasileiro dessa época reproduzia hierarquias raciais históricas, restringindo oportunidades de acesso e permanência na escola para a população parda e negra. O referido autor destaca que “devido aos efeitos de práticas discriminatórias sutis e mecanismos racistas mais gerais, os não-brancos têm oportunidades educacionais mais limitadas que os brancos da mesma origem social” (Hasenbalg, 1979, p. 230).

No caso de Nídia, sua narrativa permite observar como as condições socioeconômicas e a ausência de políticas públicas voltadas à permanência escolar foram fatores que contribuíram para um processo de evasão escolar ainda na adolescência. Além disso, sua trajetória traz à luz um aspecto invisibilizado: os saberes produzidos fora do ambiente escolar, especialmente no cuidado com as crianças, trabalho majoritariamente desempenhado por mulheres racializadas e de origem popular.

Diante do exposto, este artigo está organizado em três eixos: os aspectos da infância e da identidade racial; a escolarização e o abandono escolar; e o trabalho com crianças e os saberes produzidos na experiência.

2 Caminho metodológico

Para alcançar os objetivos deste trabalho, tomamos a memória como recurso central de análise. Ela deve ser entendida como “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (Candau, 2016, p. 9). Nessa perspectiva, Meihy e Seawright (2021) apontam que a memória constitui uma narrativa que busca presentificar ausências, recriando mentalmente objetos, pessoas ou acontecimentos.

Candau (2016) ressalta que o trabalho com memória exige cautela, pois, embora um grupo possa compartilhar determinadas lembranças, cada indivíduo mobiliza experiências e interpretações próprias. Tendo como base essa compreensão, este trabalho adotou a história oral como técnica metodológica. Para Aragão (2013), trata-se de um instrumento capaz de conferir voz aos sujeitos e possibilitar a reconstrução da história a partir de relatos individuais ou coletivos. Portelli (2001, p. 10) reforça essa concepção ao afirmar que a história oral constitui “uma forma específica de discurso: a história evoca uma narrativa do passado; o oral indica um meio de expressão”.

Almeida (2009) destaca que a utilização da memória como documento no campo da história é um movimento relativamente recente. Nesse sentido, “a memória constitui-se como um documento histórico, e a história oral é a metodologia aplicada para operacionalizar o diálogo entre a teoria e os dados empíricos” (Almeida, 2009, p. 220-221). A autora enfatiza que, nesse tipo de pesquisa, cabe ao pesquisador produzir os documentos e articulá-los continuamente ao problema investigado. No que se refere à transcrição, esta não se limita a reproduzir a fala, mas envolve um processo de transformação que converte o relato oral em registro escrito, conferindo-lhe caráter documental.

Para Errante (2000, p. 142), é imprescindível “legitimar a história oral como fonte de documentação”. Com os avanços tecnológicos, o reconhecimento de voz tem facilitado a transcrição das narrativas orais, entretanto, esse processo pode reduzir o significado da experiência ao que é registrado por escrito.

Sob a perspectiva metodológica, a história oral tem na entrevista seu principal instrumento de investigação (Meihy; Seawright, 2021). Gil (2008) define a entrevista como uma técnica em que o pesquisador se coloca diante do entrevistado e formula questões com o propósito de obter informações relevantes ao estudo, caracterizando-se, portanto, como uma forma de interação social.

No presente trabalho, a entrevista foi realizada presencialmente, na residência da participante, em horário previamente acordado. Utilizou-se um roteiro semiestruturado, composto por doze perguntas, a fim de que a entrevistada reconstituísse sua trajetória de forma articulada e significativa. As questões sobre a história de vida buscavam situar aspectos familiares, sociais e emocionais de sua infância. O bloco referente às experiências escolares investigou percepções sobre professores, colegas, conteúdos, dificuldades e momentos marcantes. As perguntas relacionadas ao trabalho com crianças foram elaboradas para compreender a escolha por sua atividade laboral e identificar a quanto tempo ela é exercida. Já o último bloco de questões era sobre os saberes e as reflexões e buscou as interpretações atuais sobre sua própria trajetória e expectativas frustradas.

A entrevista ocorreu mediante autorização da participante, que consentiu com o uso de seu primeiro nome. Sua transcrição integral serviu de base para a elaboração deste texto, preservando as ideias, os conteúdos e os sentidos presentes no depoimento, ainda que aqui reorganizados em forma narrativa. A análise do material fundamentou-se em uma leitura temática, orientada para a identificação de recorrências e de elementos que articulam sua experiência individual a dimensões sociais mais amplas, como racismo, desigualdades educacionais, responsabilidades familiares precoces e o trabalho de cuidado.

3 Aspectos da infância e da identidade racial

Nídia inicia sua narrativa contando sobre seu nascimento, assistido por uma parteira. Veio ao mundo em uma granja chamada Santa Maria, que ela descreve como uma vila, localizada no município de Uruguaiana. Cresceu entre plantações de arroz, em uma casa simples: a cozinha de chão batido, os colchões feitos de sacos de ráfia recheados com palha, renovados a cada colheita, e as cobertas confeccionadas à mão com retalhos de roupas antigas. Ao anoitecer, os mosquitos apareciam em grande quantidade, e ela recorda: “a gente fazia fumaça para espantar os mosquitos, e me lembro que naquela época também se usava muito aqueles espirais.” No final de semana, ela e os irmãos ajudavam a mãe nas tarefas domésticas: “todos os sábados, tu tinha que tirar as cadeiras pra fora, aquelas cadeiras de palha e madeira, e a gente tinha que escovar com um esfregão de aço e lavar.”

Suas lembranças da infância são vívidas, marcadas por brincadeiras com os irmãos e pelas estratégias criativas que desenvolviam para transformar o pouco que tinham em brinquedo e imaginação.

A pobreza atravessa toda a narrativa sobre sua infância. Filha de uma mãe solteira que criou sozinha treze filhos, Nídia viveu uma infância permeada por responsabilidades e limitações materiais. Sua relação com a figura paterna é marcada pelo abandono: “meu pai foi pai só para fazer”, como ela mesma afirmou. Embora a questão racial não apareça de forma explícita em sua fala, a condição de mulher parda, trabalhadora e proveniente de uma família numerosa e pobre evidencia elementos que moldaram sua trajetória. As experiências que descreve são comuns na vida de mulheres negras e pardas no Brasil: o trabalho infantil, a ausência de direitos básicos, precariedade habitacional e escolarização limitada.

Segundo Valim (2024), no Brasil, os lugares ocupados por pessoas brancas e não brancas acabam sendo naturalizados e explicados pela ideia de meritocracia, ignorando o peso da história, das oportunidades desiguais e dos estereótipos que marcam cada grupo social. Dessa forma, a posição social da população negra, reforçada após a abolição, passa a ser apresentada como resultado de uma suposta incapacidade individual, e não das desigualdades estruturais.

Para compreender a trajetória de Nídia, é fundamental esclarecer o que entendemos por raça e identidade racial. Segundo Schucman (2012), a raça é uma construção histórica e social que serve para classificar e hierarquizar os grupos humanos a partir de características fenotípicas, sobretudo cor da pele. A identidade racial, conforme Hofbauer (2003), refere-se a uma cons-

trução social que não depende de diferenças culturais “reais”, mas de traços escolhidos como marcadores de distinção: cor da pele, linguagem e modos de vestir. O autor ressalta que a construção dessas identidades possui um caráter político, pois está ligada à busca por reconhecimento e legitimação social.

Assim, reconhecer que Nídia se autodeclara como parda significa compreender que essa posição racial a insere em um lugar social marcado por vulnerabilidades, mas também por resistências e estratégias de sobrevivência que historicamente caracterizam as trajetórias de pessoas não brancas.

3.1 Escolarização e evasão escolar: rupturas

A experiência escolar da entrevistada iniciou tardiamente, por volta dos sete ou oito anos. Frequentou a escola da granja onde morava, e sua primeira professora era filha de seu avô de criação. Demonstrou bom desempenho, sendo inclusive promovida diretamente da segunda para a terceira série por ser considerada “muito inteligente”.

Apesar disso, a escola não foi um espaço de permanência contínua. Ela conta que gostava de estudar, especialmente as disciplinas de matemática, ciências e geografia. No entanto, seu comportamento considerado “birrento” e sua postura firme diante de conflitos chamavam a atenção. Em um episódio marcante, recorda que a professora costumava indicar uma página do livro para leitura e, no dia seguinte, chamava um aluno para levantar e ler em voz alta o trecho marcado. Nídia lembra do livro *O a jato*, que tinha um avião azul na capa, e relata que, quando chegou sua vez, recusou-se a fazer a leitura em voz alta, foi punida e, em resposta, cortou seu próprio livro com uma lâmina de gilete, a mesma que utilizava para apontar os lápis. O gesto, além de revelar sua teimosia, expressa também a tensão entre a disciplina escolar e sua subjetividade.

Conforme Borges (2004), a disciplina estrutura o sistema educativo e se torna um objetivo central, pois é vista como responsável por garantir um nível aceitável de aprendizagem. Nesse contexto, a figura do professor exerce um poder que orienta e controla o uso do tempo pelos alunos, buscando seu máximo aproveitamento. Essa relação hierárquica evidencia como a disciplina atua na docilização dos corpos.

A ruptura com a escola acontece de maneira repentina. No início da adolescência, após um feriadão do Dia dos Professores, ela simplesmente não voltou mais. O motivo, segundo ela, foi uma escolha pessoal, acrescentada de uma ausência de incentivo materno e o contexto de vida da família. A mãe, sobrecarregada e sem condições de acompanhar a escolarização dos filhos, não tinha recursos nem estrutura para garantir a continuidade dos estudos.

Nídia lembra que o diretor e os professores insistiram para que ela voltasse à escola. Anos depois, reencontrou uma professora que lhe disse que, apesar de ter ficado sem aulas de matemática por dois meses, ela seria a única aluna da turma a passar por média em todas as matérias, se tivesse retornado. Essa informação evidencia seu potencial acadêmico, interrompido por condições sociais que escapavam ao seu controle.

Segundo Ratusniak (2024), a evasão escolar é resultado de um processo de classificações, hierarquizações, posicionamentos e micropunições que tornam a permanência do estudante insustentável. Nessas condições, o sentimento de pertencimento aos espaços de aprendizagem e socialização é prejudicado ou até destruído. Assim, a evasão aparece como consequência de uma estratégia biopolítica que atua para excluir determinadas populações que não se alinham às demandas econômicas atribuídas à escolarização.

Para Da Silva Brito (2025), as causas do abandono e da evasão escolar no Brasil são múltiplas e envolvem tanto fatores externos, relacionados à vida dos estudantes, quanto fatores internos, vinculados ao funcionamento da própria escola. Entre eles, destacam-se as questões familiares, financeiras, geográficas, defasagem de aprendizagem, condições estruturais e profissionais insuficientes para atender às necessidades e particularidades dos estudantes. A autora prossegue que, diante dessas circunstâncias, reconhecer as características da evasão e do abandono escolar exige ir além da identificação dos fatores internos e externos. É preciso considerar, também, como as desigualdades de classe, raça ou cor e gênero atravessam o cotidiano das escolas públicas brasileiras. Esse entendimento permite evidenciar quem são, de fato, os estudantes que acabam sendo identificados como aqueles que “fracassam” na educação.

O abandono escolar de Nídia revela um padrão presente na vida de muitas meninas negras e pardas de origem popular: a necessidade de trabalhar ainda na infância, a falta de incentivo familiar, a responsabilização precoce pelo cuidado de irmãos e a ausência de políticas públicas que assegurem permanência e proteção escolar.

Com o objetivo de auxiliar a rememoração de mais aspectos de sua trajetória escolar, solicitou-se à entrevistada que verificasse se ainda possuía algum material guardado, como boletins, fotografias ou cadernos. Ela prontamente trouxe uma pequena caixa de madeira contendo algumas fotos suas e de seus filhos, dentre as quais se encontrava a Figura 1, apresentada a seguir. Na fotografia, Nídia aparece ao centro, acompanhada de Zélia Mari e Tânia Regina. Ao observá-la, passou a descrever detalhes do uniforme escolar: camiseta branca, saia azul-marinho e meias

três-quartos, e a comentar o cenário ao fundo, uma escola simples, construída em madeira. No verso da fotografia, um escrito “lembança do colégio” e “plano” a outra palavra não foi identificada, além do nome das meninas na foto.

Figura 1 - Registro escolar de Nídia



Fonte: acervo da entrevistada.

A fotografia das três alunas uniformizadas remete aos escritos de Silva e Pereira (2012), segundo os quais o uniforme era utilizado nas escolas públicas e seguiam quase o mesmo padrão: saia com pregas, cinto, guarda-pó branco e sapatos pretos. Além disso, a imagem evidencia uma tentativa da escola de produzir uma aparência de homogeneidade e disciplina, na qual o uniforme seria um recurso para reforçar a ideia de igualdade entre os estudantes. Apesar da tentativa de padronização, existe um marcador social visível: as características físicas. Nídia posicionada ao centro, tem tom de pele e traços corporais distintos de suas colegas. A fonte disponibilizada pela entrevistada expõe como a cultura escolar participa da construção e da naturalização dos diferentes lugares sociais ocupados por crianças brancas e não brancas.

Sob essa ótica, Valim (2024) afirma que pensar a permanência dos lugares sociais exige refletir sobre os estereótipos que continuam sustentando o racismo e atravessando as subjetividades. Os estereótipos são representações coletivas sobre

determinados grupos, podendo assumir sentidos positivos ou negativos. No debate étnico-racial, esse conceito é fundamental para compreender o racismo brasileiro, já que tais estereótipos resultam de uma narrativa e de uma construção histórica e social que tende a atribuir valores positivos às pessoas brancas e negativos às pessoas não brancas.

Como lugar social, Silva (2015, p.169) nos alerta quanto à função da escola, a qual pode “favorecer relações de dominação, atualizar racismos, discriminações entre grupos e pessoas, como podem, se houver sincero empenho para tanto, reeducar no sentido do respeito, reconhecimento, valorização, convívio construtivo”.

Rosa (2024) afirma que o currículo escolar silencia e invisibiliza a cultura e a vida dos não brancos. Apesar do expressivo aumento de pessoas que se autodeclararam pardas e pretas, esse fato não é o suficiente para erradicar o racismo. No âmbito educacional, o acesso universal à educação não tem garantido a permanência desse grupo, uma vez que muitos estudantes desistem de sua trajetória escolar, acarretando com isso a permanência dessas pessoas em posições subalternas da sociedade.

A experiência escolar vivenciada por Nídia nos mostra fatores estruturais e individuais que interrompem vidas acadêmicas que poderiam ter sido promissoras. Adicionalmente, sua narrativa expõe que a escola, para meninas não brancas e em contextos rurais, é um espaço fragilizado.

3.2 Trabalho com crianças e os saberes da experiência

O início da trajetória de trabalho de Nídia se deu cedo, aos nove anos, quando passou a cuidar de um menino em Rio Grande, “a mãe dava a gente pras pessoas que tinham dinheiro, que eram ricos, em troca de roupa e alimentação”. Ela lembra que, embora tivesse a presença de uma empregada adulta na casa, era responsável por grande parte dos cuidados com a criança, “uma criança cuidando de outra criança”. Essa experiência inaugural marcou profundamente sua vida, pois desde então dedicou-se ao cuidado infantil, seja como babá em casas de família, seja acolhendo crianças em sua própria casa.

Ela se mudou para Caxias do Sul em 28 de abril de 2014 e, após dois dias de sua instalação na cidade, já tinha crianças para cuidar: “Eu perdi o número de quantos crianças passaram pela minha casa.”

Cuidar de crianças, para Nídia, é mais do que uma ocupação, é uma prática atravessada por afeto, atenção, responsabilidade e ética. Ela descreve com detalhes a rotina intensa que teve em uma escola onde trabalhou: preparar café da manhã, auxiliar nas refeições, servir almoço, colocar as crianças para dormir, preparar lanches,

ajudar nas fraldas, apoiar professoras, acolher crianças na chegada e entregá-las aos pais no fim do dia. Trabalhava das 7h às 17h30, com dedicação total.

Apesar do exaustivo trabalho, sua fala revela um profundo vínculo afetivo com as crianças. Nídia fala de uma menina como “minha filha do coração”, menciona outra que chegou com um ano e rapidamente desenvolveu a linguagem a partir da convivência diária com ela. Afirma repetidamente que “tu aprende com eles” e que as aprendizagens são mútuas.

Mesmo sem formação acadêmica, Nídia demonstra saberes pedagógicos construídos na prática cotidiana: estimulação da linguagem, correção cuidadosa da fala, atenção aos comportamentos, promoção de autonomia, organização de rotinas, cuidados de higiene, alimentação e segurança. Esses saberes, associados ao trabalho doméstico e de cuidado, funções atribuídas historicamente a mulheres negras e pardas, são muitas vezes desvalorizados socialmente, mas compõem um campo complexo de conhecimentos.

Segundo Gonçalves (2025), as marcas de gênero e raça que moldam o trabalho de cuidado foram construídas ao longo do tempo e ainda hoje produzem modos de pensar e agir que mantêm mulheres negras em posições subalternizadas. Por ser visto como algo “natural” das mulheres, sobretudo das camadas populares e negras, e por não gerar um produto mensurável, o cuidado é tratado como uma atividade que não exige conhecimento formal, o que sustenta sua baixa valorização e a ideia de que sua maior recompensa seria o amor. Além disso, a crença de que não é preciso formação acadêmica para cuidar reforça salários menores e alimenta um processo de desvalorização marcado por desigualdades de gênero e raça que afetam diretamente as trabalhadoras desse campo.

Quando questionada se sofreu algum tipo de desvalorização profissional por não ter formação na área, Nídia relata que não e acrescenta que é muito reconhecida pelas famílias das crianças que cuidou. A indicação “boca a boca” é parte central de sua trajetória profissional, algo que reforça a credibilidade que conquistou ao longo de décadas.

Em suas reflexões sobre a própria vida, Nídia expressa um arrependimento profundo por não ter continuado os estudos. A educação aparece como o principal desejo não realizado, como algo que ainda reverbera emocionalmente. Ela afirma que “se eu tivesse uma máquina do tempo, eu queria ter estudado mais, ter me formado, de repente eu ter sido uma professora para trabalhar com criança em sala de aula”. Ao longo de toda a entrevista, ela demonstra afinidade com o trabalho

pedagógico e com a educação de crianças pequenas: “eu acho que eu daria uma boa professora”.

Finalizando a entrevista, ela deixa uma mensagem para as pessoas jovens e para os estudantes de pedagogia: “não parem os estudos”. Sua fala revela consciência sobre as barreiras que enfrentou, mas também a percepção de que, hoje, a escolarização é ainda mais determinante para acessar melhores oportunidades de trabalho e condições de vida.

4 Considerações Finais

A narrativa detalhada da entrevistada sobre sua trajetória não é uma história isolada, mas sim a realidade de muitas mulheres pardas e pretas, que diariamente enfrentam as consequências das desigualdades estruturais. A escuta sobre sua infância pobre, o trabalho infantil, a ausência do pai, a sobrecarga da mãe e a falta de incentivo escolar, nos mostra elementos que compõem um cenário ainda cotidiano que fazem tantas meninas e mulheres racializadas interromperem sua escolarização.

Seu relato traz o cuidado infantil como um campo de conhecimentos, afetos e aprendizagens mútuas. Nídia acolhe, educa, ensina e estimula, e ainda reconhece no desempenho de sua profissão uma dimensão formativa que ultrapassa os muros da escola.

Ao reconstituir os fragmentos de sua trajetória pessoal, foi possível compreender como as condições socioeconômicas adversas e a falta de políticas públicas de permanência escolar foram fatores determinantes para seu abandono escolar na adolescência. Seu relato também evidenciou a relevância dos saberes produzidos no trabalho de cuidado realizado por mulheres não brancas. Dessa forma, este estudo reconhece a potência de uma vida marcada por esforço, responsabilidade e desejo contínuo de transformação por meio da educação.

Referências

- ALMEIDA, Dóris Bittencourt. As memórias e a história da educação: aproximações teórico-metodológicas. **História da Educação**, [S. l.], v. 13, n. 27, p. 211-243, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4891661>. Acesso: 01 dez. 2025.
- BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Vozes, p. 5-58, 2002. Disponível em: <https://www.nupad.medicina.ufmg.br/arquivos/acervo-cehmob/foruns/racismo-institucional/Caderno-Racismo.pdf#page=5>. Acesso: 01 dez. 2025.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papirus, 1996.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- DA SILVA BRITO, Luciana Helena et al. Interseccionalidade na educação: a evasão escolar no IFMA Barra do Corda pelo recorte de gênero e raça. **Caderno Pedagógico**, v. 22, n. 5, p. e14911-e14911, 2025. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/14911>. Acesso: 02 dez. 2025.
- ERRANTE, Antoinette. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. **Revista História da Educação**, [S. l.], p. 141-174, 2000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30143>. Acesso: 02 dez. 2025.
- GONÇALVES, Lorraine Andrade. ENTRE A MÃE E A BABÁ: marcas das relações raciais e de gênero no trabalho de cuidado na Educação Infantil. **Periferia**, v. 17, n. 1, p. e87661-e87661, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/87661>. Acesso: 23 nov. 2025.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 1979.
- HOFBAUER, Andreas. Raça, cultura e identidade e o “racismo à brasileira”. **De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, p. 51-68, 2003. Disponível em: <https://andreashofbauer.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/08/rac3a7a-cultura-e-identidade-texto-publicac3a7c3a3o2-congr-ufscar.pdf>. Acesso: 25 nov. 2025.
- HOOKS. bell. **Olhares negros: raça e representação**. Editora Elefante, 2019.
- IBGE, Censo Demográfico. **Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: resultados do universo**. 2022.
- MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEA-WRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas: história oral aplicada**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.
- RATUSNIAK, Célia. Gênero, raça, evasão e expulsão escolar: por que os alunos e as alunas deixam de frequentar a escola?. **Revista Brasileira de Educação**, v. 29, p. e290109, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/r/rbedu/a/HhCS-smPPpPm4CcVJC5qMtNB/?format=html&lang=pt>. Acesso: 14 nov. 2025.
- ROSA, Joelma Couto. **Educação das relações étnico-raciais: escritórias de estudantes negras (os) em um município marcado pela colonialidade ítalo-brasileira**.

2024. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/14637>. Acesso: 06 nov. 2025.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o encardido, o branco e o branquíssimo**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>. Acesso: 14 nov. 2025.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; PEREIRA, Neusa Maria Sousa. Recordando nossa escola. In: FISCHER, Beatriz Teresinha Daudt (Org.). **Tempos de escola**. Memórias. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livro, 2012. (v. I).

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1137>. Acesso em 17 nov. 2025.

TEIXEIRA, Victor Schittini. Interseccionalidade, identidade racial e o dilema da identidade “pardo”: reflexões sobre racial e heteroclassificação no Brasil. **Revista de Direito**, v. 03, pág. 19/01/2021. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/119a/8be16aec1bee1e299c821776b0a-9302cfb0.pdf>. Acesso: 01 dez. 2025.

VALIM, Maria Zilda de Oliveira. **A dimensão formativa do racismo brasileiro contemporâneo a partir da teoria crítica**. 2024. Dissertação de Mestrado. Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/14340>. Acesso: 06 nov. 2025.

VIEIRA, Nanah Sanches; DE ALMEIDA, Tânia Mara Campos. O trabalho doméstico e as babás: lutas históricas e ameaças atuais. **Sociedade e Cultura**, v. 22, n. 1, p. 135-156, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/57899>. Acesso: 07 nov. 2025.

Notas

- ¹ Teixeira (2021) retrata que institucionalmente no Brasil, definiu-se como raça branco e negro, e enquanto fenótipos o preto, pardo e branco. O autor considera que a classificação fenotípica de “pardo” oscila entre ser negro e ser branco, e que a identidade racial assumida pelo sujeito está relacionada com as condições sociais que vivencia ao longo da vida. Já o Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), define como pardo a pessoa que se autodeclara pertencente a uma combinação de duas ou mais categorias de cor ou raça. Diante dessas suas conceituações, este trabalho opta por utilizar o termo “parda” para se referir às pessoas que se reconhecem dentro desta identificação racial.
- ² Vieira e Almeida (2019) definem como babás as empregadas domésticas que trabalham cuidando dos filhos de seus patrões, bebês ou crianças.

Comentário dos autores sobre os principais avanços que o trabalho apresenta em relação ao tema em foco

Este trabalho avança na compreensão da intersecção entre raça, gênero, classe social e escolarização por meio da história oral, ao trazer a trajetória de vida de uma mulher parda, cuja experiência evidencia desigualdades pouco exploradas em estudos sobre a história da educação. Ao articular memória, identidade racial e trabalho doméstico – de cuidado, a pesquisa contribuiu para ampliar a discussão sobre os saberes produzidos no ambiente doméstico, valorizando práticas historicamente deslegitimadas. O estudo também buscou compreender como os fatores estruturais, internos e externos interferem nos processos educativos de meninas não brancas. Em suma, a presente escrita pretende colaborar para o debate contemporâneo em torno da educação, raça e desigualdades no país.